



O ESPAÇO DA MOBILIDADE EM MARCELINO FREIRE

THE SPACE OF MOBILITY IN MARCELINO FREIRE

Cássio Augusto Nascimento Farias¹
Jeane de Cassia Nascimento Santos²

Resumo: As reflexões deste artigo centram-se na análise de três contos de Marcelino Freire: “Meu escravo de estimação” e “Curso superior”, de *Contos Negreiros* (2005), e “Modelo de vida”, de *Amar é crime* (2015). Nos três casos, busca-se investigar qual a função do espaço para compreender o fenômeno da ascensão social de afro-brasileiros e suas respectivas implicações. Para tanto, assume-se as perspectivas teóricas de Hall (2005) e Santos e Oliveira (2001) que consideram o espaço como elemento que denota valores construídos culturalmente. Com o intuito de reconhecer as questões relacionadas ao afrodescendente no Brasil, foram, majoritariamente, debatidas as considerações de Fernandes (2007) e Munanga (1996).

Palavras-chave: Espaço; Racismo; Mobilidade social; Conto.

Abstract: The reflections of this article concentrate on the analysis of the short stories written by Marcelino Freire: “Meu escravo de estimação” and “Curso superior”, from *Contos Negreiros* (2005), and “Modelo de vida”, from *Amar é crime* (2015). In the three cases, the aim is to investigate the role of the space to comprehend the phenomenon of the social ascension of Afro-Brazilians and its respective implications. Therefore, it assumes the perspectives of Hall (2005) and Santos and Oliveira (2001) that consider the space as an element that denotes values culturally constructed. With the goal of recognizing the questions related to the Afrodescendant in Brasil it was mainly discussed the considerations of Fernandes (2007) and Munanga (1996).

Keywords: Space; Racism. Social mobility. Short stories.

Introdução

Nas produções do escritor contemporâneo Marcelino Freire, a presença de personagens marginalizadas é uma constante. Em *Contos*

¹ Mestrando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. Email: cassio.augusto88@hotmail.com

² Professora da Universidade Federal de Sergipe. Membro permanente do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) e do Mestrado profissional em Letras (Profletras) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Email: jeanecn@uol.com.br

Negreiros, coletânea de contos publicada em 2005, todos os 16 contos trazem a questão racial como tema. Ainda que alguns toquem também em assuntos envolvendo gênero e sexualidade, os conflitos étnicos são observáveis em menor ou maior grau. Já em *Amar é crime*, livro de contos lançado pela primeira vez em 2011, com catorze contos, e depois relançado em 2015, com quatro contos a mais, o amor é o centro canalizador de toda a obra. Nesse último, apesar da sexualidade predominar como tópico recorrente, as problemáticas envolvendo o afro-brasileiro e sua participação na sociedade também se fazem notar.

O presente artigo busca refletir acerca dos contos de Freire que trazem o espaço como símbolo de mobilidade social, bem como as implicações geradas quando o afrodescendente consegue frequentar tais ambientes. A partir dessa delimitação, foram selecionados os contos “Meu escravo de estimação”, “Curso superior”, de *Contos negreiros* (2005), e “Modelo de vida”, de *Amar é crime* (2015). Os três contos do escritor pernambucano nos mostram o que poderia significar para um negro ou para um mestiço atingir uma posição de prestígio. O que se percebe, *a priori*, é que o espaço é um dos elementos determinantes para se chegar a uma resposta para essa interrogação.

Tendo em mente esses aspectos presentes na produção de Marcelino Freire, propõe-se discorrer sobre os valores culturais que definem diferentes espaços como símbolos de progresso, assim como ponderar a respeito dos possíveis efeitos causados quando um afrodescendente frequenta esses locais. Mais especificamente, intenta-se trazer à baila as seguintes questões: ao conseguir transitar nesses espaços, o negro consegue livrar-se de sua condição de subalterno e de marginalizado? É vencendo as barreiras espaciais que ele pode finalmente desfrutar de uma vida semelhante aos demais? Ele é tratado com respeito e igualdade nos grandes centros urbanos, nos *shoppings*, na universidade, no ambiente de trabalho, etc.?

Para fomentar as considerações deste estudo, lançaremos mão da abordagem de Santos e Oliveira (2001) e Hall (2005), que encaram o espaço na literatura como um elemento carregado de ideais construídos historicamente. Assumindo a perspectiva de que espaço traz em si paradigmas definidos de forma coletiva, faz-se necessário averiguar, nos estudos sociológicos, antropológicos e históricos de Fernandes (2007), Freyre (2003), Prado Jr. (1994) e Munanga (1996), dados que nos auxiliem na discussão em relação ao tema da mobilidade social do negro no Brasil, destacando as que trazem o espaço como ponto central.

Outros trabalhos foram inclusos de modo a esclarecer tópicos específicos em “Meu escravo de estimação”, como o de Barcellos (2006) a respeito do homoerotismo, e o de Cunha (2007) acerca da origem do nome da personagem. Como resultado, espera-se apresentar uma chave de leitura para os contos de Marcelino Freire, abrangendo assim as possíveis alternativas de interpretação de suas obras e as de outros autores que fazem uso do espaço como mola propulsora para a produção de sentidos no texto literário.

Espaço e mobilidade social: paradoxos

Na análise literária, o espaço, assim como as outras categorias da narrativa, é relevante na tentativa de compreender a obra como um todo, não servindo apenas de recurso técnico para facilitar a ação, isento de qualquer significado. Essa abordagem faz-se presente em Santos e Oliveira (2001), os quais avaliam o espaço como um elemento em que se pode distinguir ideais pertencentes a um determinado grupo. Conforme explicam os autores:

Não existe olhar isento: quando abrimos nossos olhos, mesmo quando não há desejo ou interesse explícitos de ver algo, projetamos significados naquilo que vemos. Tais significados não são puramente individuais, mas condicionados por um certo modo de olhar que é cultural. (...) Nossa percepção do espaço físico é, assim, mediada por valores (SANTOS; OLIVEIRA, 2001, p. 68).

Dessa maneira, pode-se dizer que a nossa percepção do espaço físico e a maneira como o julgamos estão impregnados de questões históricas, sociais e econômicas. Caso um indivíduo enxergue a escola como um lugar de produção de conhecimento e que possibilita elevação social, é provável que esse ponto de vista seja não só individual, mas coletivo.

Em adição, Hall (2005) nos ensina que não atribuímos valores apenas aos espaços, mas também àqueles que estão inseridos neles. Como define o teórico cultural jamaicano, “Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólico” (HALL, 2005, p. 71). O “onde”, portanto, nos ajuda a pensar no “ser”. O modo como atribuímos sentido a uma personagem pode estar atrelado ao modo

como ela está localizada na narrativa. Se ela mora, por exemplo, no último andar de um condomínio, não seria estranho considerá-la uma pessoa abastada.

Tal asserção nos aproxima do tema deste artigo: as implicações causadas a partir do momento em que o negro atinge espaços coletivamente reconhecidos como os de poder e os de estima. Nesses espaços, o afrodescendente consegue sair da condição injusta de excluído e subordinado? Para responder a essa pergunta faz-se pertinente pensar, de antemão, a problemática da mobilidade social do negro no Brasil, tendo seu início no período de escravidão e que perdura até os dias de hoje.

Freyre, em *Casa grande & Senzala*, lançado em 1933, destaca que muitos dos escravos convertidos ao cristianismo adotaram nomes fidalgos motivados pela “natural influência do patriarcalismo, fazendo os pretos e mulatos, em seu esforço de ascensão social, imitarem os senhores brancos e adotarem-lhe as formas exteriores de superioridade” (FREYRE, 2003, p. 540). Essa informação apresenta um dado significativo: o ato de adquirir características culturais de grupos sociais influentes para ser capaz de pertencer às classes superiores. Como consequência, por outro lado, muitos afrodescendentes renunciavam os nomes que recordassem a cultura africana.

Mais adiante, Caio Prado Jr., em seu livro sobre o período colonial no Brasil, *Formação do Brasil contemporâneo*, publicado em 1942, afirma que “A classificação étnica do indivíduo se faz no Brasil muito mais pela sua posição social; e a raça, pelo menos nas classes superiores, é mais função daquela posição que dos caracteres somáticos” (PRADO JR., 1994, p. 109). Sendo assim, segundo o historiador brasileiro, aquele que sobe para as camadas mais elevadas da sociedade não enfrenta nenhum problema causado pela cor de sua pele. Consoante Prado Jr., mesmo com a defesa da “pureza de raças”, grande número dos que ocupavam altas posições durante a colonização eram mestiços. Entretanto, eles eram tratados como “brancos puros”, pois “(...) a pequena dosagem de sangue mestiço e a posição que ocupavam na sociedade, eram o suficiente para fazer esquecer ou desprezar a sua origem” (PRADO JR., 1994, p. 110).

Na primeira metade do século XX, tanto Prado Jr. quanto Freyre trouxeram grandes avanços para entender o fenômeno da ascensão social do afro-brasileiro. No entanto, outros autores avaliaram e problematizaram esse assunto com mais profundidade. Florestan

Fernandes é um deles, pois elenca tópicos cruciais para esta temática em livros como *O negro no mundo dos brancos*, lançado em 1972. Segundo o sociólogo, durante a sociedade escravista no Brasil, alguns escravos libertos, negros ou mestiços, trabalhavam com frequência para mudar de *status*. Para conseguir, entretanto, era necessário “obter a identificação desses indivíduos aos interesses e valores da ‘raça dominante’” (FERNANDES, 2007, p. 45). Como solução deste impasse, “Criou-se e difundiu-se a imagem do ‘negro de alma branca’ – o protótipo do negro leal, devotado ao seu senhor, à sua família e à própria ordem social existente” (FERNANDES, 2007, p. 45). Tal fato, nas palavras de Fernandes, representava um “paradoxo curioso”, pois “A mobilidade eliminou algumas barreiras e restringiu outras apenas para aquela parte da ‘população de cor’ que aceitava o código moral e os interesses inerentes à dominação senhorial” (FERNANDES, 2007, p. 45). Logo, o sucesso ou o insucesso do negro estava associado à sua capacidade ou não de comportar-se como o “branco”. Esses casos, para Fernandes, nada mais são que “exceções que confirmam a regra”, já que, embora conquistassem posições de poder, muitos ainda seguiam os moldes europeus impostos pelos grupos hegemônicos.

Florestan ressalta que acontecimentos semelhantes continuam a ocorrer mesmo após a Abolição, atrelada ao surgimento da burguesia e do capitalismo. De acordo com os dados colhidos em 1950, o sociólogo brasileiro conclui que a parcela de negros e mestiços no mercado de trabalho, no Ensino Básico e Superior, e economicamente ativos é ínfima em comparação com a presença deles no número da população brasileira. Ademais, mesmo se alguns conseguissem melhorar de vida, eles ainda estavam sujeitos a determinadas exigências: “Ao igualar-se ao ‘branco’, no nível de emprego e de participação de renda, o ‘homem de cor’ rompe um bloqueio à sua participação cultural” (FERNANDES, 2007, p. 74). Dessa forma, qualquer relação com as suas raízes étnicas é então cortada, apagando os “laços emocionais com as pessoas de seu antigo nível social e com as sedução do meio negro” (FERNANDES, 2007, p. 74). Independente desse esforço, como Fernandes salienta, muitos continuam sendo desrespeitados, vistos como inferiores, e dificilmente são aceitos totalmente em espaços privilegiados. Como resultado dessas situações desumanas, eles reagem aceitando a condição de “exceção que confirma a regra” para seu próprio benefício, ou isolando-se socialmente.

Para Fernandes, porém, muitos negros e mestiços que estão verdadeiramente vencendo as barreiras raciais negam-se a essa modalidade de acomodação. Nesses casos, eles recusam-se a afastar-se ou a obedecer às regras impostas pelos grupos dominantes, comportando-se de acordo com suas vontades. De número ainda menor, esses afro-brasileiros não negam sua cultura e suas relações com o “meio negro”. Eles “Querem ser aceitos e tratados como iguais, sem restrições e evasivas” (FERNANDES, 2007, p. 75).

Mais próximo dos nossos dias, Munanga (1996) interroga acerca da falta de negros e mestiços em posições de grande valor social:

Aqui, oficialmente, negros e mestiços constituem cerca de 45% da população total. Embora estejam presentes culturalmente, eles constituem a categoria mais ausente e invisível social, política e economicamente. Proporcionalmente, onde estão os 45% dos negros e mestiços nas instituições públicas, executivo, legislativo, judiciário, exército, marinha, política, magistratura, universidades, etc.? (MUNANGA, 1996, p. 217).

Percebe-se que esse quadro muda lentamente, mas com proporções ainda insatisfatórias. Ao ser questionado a respeito das cotas raciais, Munanga afirma também que a mobilidade social não é suficiente para pôr fim ao racismo: “o racismo é uma desumanização e uma negação da humanidade do outro, uma destruição muito profunda, que a mobilidade não resolve” (MUNANGA, 1996, p. 223). O antropólogo chama atenção para o desprezo que o afrodescendente pode sofrer na universidade, e em outros ambientes elevados. Como solução, ele apresenta um posicionamento semelhante ao de Fernandes, destacando a autoafirmação de sua identidade, a valorização de sua etnia e a importância de exigir que sejam aceitos como são. Segundo Munanga, “O negro, como todos os oprimidos da sociedade, mulheres e outros, precisa recuperar a sua identidade, a sua humanidade que lhe foi negada, e que é o primeiro elemento em qualquer luta” (MUNANGA, 1996, p. 224). Ele conclui afirmando que as novas políticas, como as cotas, deram aos negros e mestiços direitos que lhes foram rejeitados por séculos. Entretanto, essas medidas não resolveram os obstáculos raciais.

Por conseguinte, constata-se que, embora estejam em espaços culturalmente privilegiados, o afro-brasileiro não é tratado com igualdade. Eles são desrespeitados ou submetidos a regras prescritas

pelos detentores de poder. Conforme Florestan, as alternativas para essa condição são comumente aceitar a condição de “exceção que confirma a regra” ou recolher-se socialmente. Porém, ele e Munanga concordam que o negro só cresce socialmente quando bate de frente com os preconceitos existentes e luta para ser tratado com humanidade, sem regras e sem dilacerar sua negritude para comportar-se como “brancos”. A partir desse momento, intentamos examinar se nos contos de Marcelino Freire os afrodescendentes atingem a mobilidade social, frequentando espaços superiores, ou se independente do ambiente em que estejam, eles ainda se enquadram no “paradoxo curioso”, como descreve Florestan.

Vencendo as barreiras espaciais: implicações

O narrador de “Curso superior”, décimo quarto conto de *Contos Negreiros*, é um jovem negro anônimo que expõe seus anseios para sua mãe. No entanto, a voz dele é a única que ouvimos durante todo o texto, pois o leitor não tem acesso às respostas da mãe, podendo apenas supor o que a progenitora o diz. Nessa conversa entre os dois, o tópico central é o que pode vir a acontecer depois que ele finalmente ingressar em uma faculdade. Desse modo, é viável afirmar de antemão que o espaço é um dos elementos que desperta os conflitos internos da personagem. Essa leitura da obra é próxima ao que Hall (2005) defende acerca da maneira que o espaço influencia nas formas de representação do Outro, como foi explicitado no segundo momento deste artigo. Os valores que estão imbricados no ambiente que ele frequenta acarretam em diferentes modos de perceber a si mesmo e os demais indivíduos encontrados no mesmo local. Entretanto, outras características estruturais também são significativas e contribuem para compreender a obra no todo.

Já no primeiro parágrafo pode-se perceber a composição formal que se repetirá nos outros parágrafos do texto: “O meu medo é entrar na faculdade e tirar zero eu que nunca fui bom de matemática fraco no inglês eu que nunca gostei de química geografia e português o que é que eu faço agora hein mãe não sei” (FREIRE, 2014, p. 97). Assim como nesse trecho, todos os parágrafos são iniciados pelo sujeito “O meu medo”, seguido por um predicativo iniciado pelo verbo “é”. A única pontuação existente restringe-se a um ponto no final de cada parágrafo, não havendo vírgulas, pontos e interrogações onde a norma culta exige.

Todos terminam também com uma pergunta diferente para a mãe, finalizada pela interjeição “hein mãe”, e sucedida pela afirmação “não sei”. A falta de pontuação, a pergunta, a incerteza e o uso recorrente de “O meu medo é” evidenciam seu estado de constante confusão e dúvida ao imaginar-se em um ambiente socialmente privilegiado.

Ainda considerando o fragmento supracitado da obra, observa-se que o narrador evidencia a sua preocupação de que, embora possua acesso ao curso superior, ele não tenha adquirido conhecimento suficiente para ter um bom desempenho. Logo em seguida, ele também teme ser vítima de racismo: “O meu medo é o preconceito e o professor ficar me perguntando por que eu não passei por que eu não passei por que eu não passei por que fiquei olhando aquela loira gostosa o que é que eu faço se ela me der bola hein mãe não sei” (FREIRE, 2014, p. 97). A reincidência do questionamento “por que eu não passei” reforça seu estado de incerteza em face das atividades acadêmicas, assim como a reação negativa dos docentes, caso reprove.

Nos dois últimos parágrafos, o jovem estudante se questiona se no futuro, mesmo após conseguir o diploma, ele será aceito nos locais de trabalho. O espaço que alimenta seus anseios passa, então, a ser outro: “O meu medo é a situação piorar e eu não conseguir arranjar emprego nem de faxineiro nem de porteiro nem de ajudante de pedreiro e o pessoal dizer que o governo já fez o que pôde já pôde o que fez já deu a sua cota de participação hein mãe não sei” (FREIRE, 2014, p. 98). Nesse excerto, nota-se que o narrador-protagonista reflete sobre suas chances de encontrar um emprego. A reincidência do advérbio de negação “nem” antes de ofícios culturalmente desvalorizados indica o quanto ele desacredita na possibilidade de realmente crescer socialmente. O advérbio de tempo “já” também é usado três vezes, confirmando as limitações do governo, que o deixa desamparado a partir do momento que ingressa na universidade.

Negro, pobre e sem formação satisfatória, ele poderá destacar-se na nossa sociedade competitiva? De modo pessimista, o conto é finalizado com outro espaço, a prisão, que, ao invés de simbolizar mobilidade como os mencionados anteriormente, deixa-o completamente imóvel: “O meu medo é que mesmo com diploma debaixo do braço andando por aí desiludido e desempregado o policial me olhe de cara feia e eu acabe fazendo uma burrice sei lá uma besteira será que vou ter direito a uma cela especial hein mãe não sei” (FREIRE, 2014, p. 98).

Portanto, o elemento espacial em “Curso superior” é um dos desafios que despertam no jovem afro-brasileiro o sentimento de incerteza quanto ao futuro. Assim como as respostas da mãe que não se fazem ouvir durante o conto, o que acontecerá a ele na faculdade e nos ambientes de trabalho também permanece sem resposta. O conto de Marcelino reacende as discussões de Munanga (1996), vistas na parte anterior, pois retrata o quanto a mobilidade social ainda é insuficiente para que se recupere a humanidade do afrodescendente, comumente negada. Fernandes (2007) corrobora com as considerações de Munanga ao salientar que ao iniciar “(...) a aventura de tentar o desfrute do estilo de vida, das garantias sociais e dos prazeres assegurados pela sociedade inclusiva (...)”, o negro “começa a ser verdadeiramente ‘barrado’” (FERNANDES, 2007, p. 74), pois os que o rodeiam não o aceitam como um igual em seus grupos. É o que acontece com o personagem de “Curso superior”: ele sente que a acessibilidade não significa o fim de seus problemas, pois continuará sofrendo com o racismo de colegas e professores, impedindo que ele participe de modo genuíno do ambiente em que está inserido. Sua formação escassa durante o Ensino Básico e, conseqüentemente, no decorrer do Ensino Superior, também será um impasse que o personagem precisará vencer. O governo pode facilitar o seu ingresso, que é um direito inegável, mas não toca em outros problemas ímpares.

Já no conto “Meu escravo de estimação”, o narrador é um homem não nomeado que elenca os motivos que, segundo ele, explicam a transformação de Benjamin, seu amante afro-brasileiro, em um novo homem. Assim como em “Curso superior”, há diversas repetições na estrutura do texto. Todos os parágrafos começam com o sujeito “Meu homem” sucedido por um predicado que descreve Benjamin. O sujeito “Meu homem” também reaparece diversas vezes no mesmo parágrafo. Por outro lado, espaços onde residem pessoas supostamente de poder são moedas correntes no conto: Benjamin “mora nos jardins”, “leva sol na piscina” (FREIRE, 2014, p. 101). Além disso, ele “viaja” e “conhece o mundo inteiro” (FREIRE, 2014, p. 101). Entretanto, o título já nos faz ponderar se ele continua sendo um subalterno ou não.

O uso frequente do pronome possessivo “meu” no título, no início de cada parágrafo e em outras sentenças do texto comprova que o fato de Benjamin conseguir ter acesso a espaços privilegiados tem um preço: ele deve submeter-se aos desejos do seu companheiro. O nome Benjamin também não é aleatório. De origem bíblica, o termo significa

“o filho preferido”, o que ressalta seu estado de “protegido”, de “obediente” a figura paternalista do namorado (CUNHA, 2007, p. 106). Mesmo assumindo uma posição social elevada, Benjamin perde sua liberdade e sua capacidade de erguer-se sozinho. Ele é obrigado a procurar a ajuda do narrador, e, para consegui-la, deve seguir as regras exigidas por ele.

Em adição, outros elementos deixam evidente o servilismo de Benjamin ao seu amante, como os diferentes espaços em que ele está inserido. No excerto “Meu homem é uma bela companhia. Se não entende de poesia, não fala. Quando o assunto é política, sai da sala” (FREIRE, 2014, p. 101), percebe-se que a sala é um local frequentado por ele, mas ao mesmo tempo é proibido de permanecer quando o tema discutido é política. Por outro lado, os espaços que trazem à baila o seu passado e o “meio negro” devem ser esquecidos. Ele não pode mais frequentá-los, nem permanecer com os antigos hábitos e amigos: “Meu homem é uma outra pessoa. Não quer mais saber de samba. Nem de futebol. Não gosta de feijoada. Meu homem não quer voltar para casa. Foge de lá porque tem medo de levar bala à toa” (FREIRE, 2014, p. 102). Sua relação com a escola de samba, a sua casa, o campo de futebol e a sua comunidade é mutilada. Em contrapartida, exige-se que ele se comporte como um “branco” e esteja em locais culturalmente valorizados: “Meu homem conhece o mundo inteiro. Meu homem trocou de ares, trocou de cheiro. Entende de comida. Sabe escolher o vinho à mesa. Dança que é uma beleza. Meu homem valsa” (FREIRE, 2014, p. 101-102). Ele é forçado a trocar o samba pela valsa, a feijoada pelo vinho, sua casa e sua comunidade pelo mundo e pela vida nos “jardins”.

Não obstante, a incoerência reincide no final do conto:

Meu homem leva jeito para ser modelo. Mas eu não deixo. Coloco, assim, um cabresto. Para ele não me deixar tão cedo.

Meu homem me obedece e me respeita. Por incrível que pareça, mesmo quando me põe de quatro, me machuca, me prende à vara da cama. Quando me chicoteia.

Meu homem diz que serei seu escravo a vida inteira (FREIRE, 2014, p. 102).

Independentemente de ser dominador durante o ato sexual, ele é servil ao narrador, como fica evidente pelo uso da oração subordinada

adverbial concessiva iniciada pelo advérbio “mesmo” na segunda frase do segundo parágrafo acima citado. As orações anteriores ao advérbio (“Meu homem me obedece e me respeita. Por incrível que pareça (...)”) contrapõem as posteriores (“quando me põe de quatro, me machuca, me prende à vara da cama. Quando me chicoteia”), salientando a posição de subalterno do personagem afrodescendente até mesmo nas situações em que aparente o oposto. Contradição ainda maior é a única frase pronunciada por Benjamin no conto, mencionada no final do excerto, referir-se ao narrador como escravo, e não o contrário. Tais evidências colhidas a partir desse trecho reforçam os paradoxos do texto, colocando à prova as palavras do narrador. A falta de sentido, gerada pelas incoerências, anula gradativamente os argumentos utilizados para defender a imagem construída de si mesmo e do amante negro. Pode-se dizer que a inconsistência é utilizada como recurso estético para que o leitor possa notar os fatos que o narrador tenta dissimular.

Vale ressaltar ainda que existem outras questões que podem ser encontradas no excerto supracitado, como o homoerotismo. Tal singularidade exige vislumbres mais aprofundados, mas os estudos de Barcellos (2006) sobre o assunto na literatura consegue ser uma possível ponte de partida para nos oferecer uma diferente leitura, mesmo que de modo breve. Ao estudar a obra *Ferdydurke*, de Gombrowicz, o teólogo nota que “Ao deixar-se espancar pelo criado, por quem se sente fortemente atraído, um dos personagens, Mientus, desencadeia todo um processo de subversão da ordem social e cultural, que tem seu foco precisamente na questão da identificação entre corpo individual e corpo social” (BARCELLOS, 2006, p. 412). Porém, o caso do conto de Marcelino distancia-se da análise de Barcellos acerca do texto de Gombrowicz, uma vez que não há essa subversão das posições sociais e culturais dos personagens. O narrador, como ponderamos, deixa transparecer que a troca de papéis durante a cópula não dá indícios de que ele não continua sendo aquele que comanda no relacionamento.

Em adição, a tentativa do narrador de abafar o paternalismo diante do seu namorado pode ser utilizada como uma ilustração do que é chamado por Fernandes (2007) e Munanga (1996), de mito de democracia racial. Como expõe Munanga, construiu-se a ideia de que

Somos uma democracia racial porque a mistura gerou um povo que está acima de tudo, acima das suspeitas raciais e étnicas, um povo sem barreiras e sem preconceitos. Trata-se de um mito, pois a

mistura não produziu a declarada democracia racial, como demonstrado pelas inúmeras desigualdades sociais e raciais que o próprio mito ajuda a dissimular – dificultando, aliás, até a formação da consciência e da identidade política dos membros dos grupos oprimidos (MUNANGA, 1996, p. 216).

Em adição, as análises de Florestan, debatidas na segunda parte deste artigo, atentam para os fenômenos de crescimento socioeconômico de alguns afrodescendentes como uma das maneiras de camuflar as desigualdades por meio desse mito criado, pois eles ainda são forçados a se comportarem seguindo as normas impostas pelos grupos dominantes. Os paradoxos envolvendo a incongruência entre ascensão social e subserviência presentes na estrutura de “Meu escravo de estimação” são os mesmos encontrados por Florestan. Os casos, como os de Benjamin, são “exceções que confirmam a regra”, pois ele pode estar sim em espaços que denotem na personagem, culturalmente, uma posição social superior, mas com ressalvas, seguindo ordens feitas pelo seu companheiro. Fazendo uso das reflexões de Santos e Oliveira (2001) e Hall (2005) sobre como o espaço carrega valores culturais, e, por conseguinte, dá valor àqueles que estão inseridos neles, é viável compreender que há um contraste no que tange a representação de alguns negros nos ambientes que simbolizam poder. Embora se façam presentes nesses locais, cria-se ainda a imagem de um indivíduo servil. O narrador pode tentar ocultar tal situação, mas as entrelinhas a denunciam.

Em “Modelo de vida”, conto de *Amar é crime*, a narradora-protagonista é uma afro-brasileira anônima, vítima do mercado de prostituição no Rio de Janeiro, que descreve como a sua relação amorosa com Sebastian, um idoso alemão, ajudou-a a mudar de vida. O espaço em que se desenvolve a ação é um shopping e suas respectivas lojas, mas há menção a outros locais, como a sua antiga comunidade e a sua nova casa em Postdam, Alemanha. Recheado de ironias, ambiguidades e contradições, o texto deixa clara a condição da protagonista de “exceção que confirma a regra”, assim como Benjamin.

Nas primeiras páginas do texto, ela diz:

Sebastian é o homem que sempre sonhei para o meu horóscopo.
Meu amor nunca me chamou de negra. Nunca me acusou de porca. Nunca chutou a porta. Não.

– Vagabunda!
Muito pelo contrário: abriu. Coisa rara neste país de bosta (FREIRE, 2015, p. 43).

Nesse recorte, a protagonista ressalta o fato de que Sebastian nunca a chamou de negra, o que pode demonstrar o teor negativo que a palavra tem, além do peso que supostamente gera para a personagem. Em contrapartida, ela permite ser chamada de “vagabunda”, e não considera o termo uma ofensa. O tom irônico e contraditório é reforçado quando a narradora não aceita ser chamada de “vaca” por Dito, seu amante:

Trepei com o Dito. Se fosse para ter filhos, eu teria com o Dito. Para o Sebastian criar. Deixar criança para se matar no morro, nem pensar.
– Sua vaca!
Não é que o Dito ontem me chamou de vaca? Pode? Eu é que não vou aguentar ninguém mais me chamar assim. Não sei por que não mandei aquele negrinho pentelho pastar? (FREIRE, 2015, p. 45-46).

Em uma leitura possível para esse comportamento, a narradora dá a Sebastian o direito de chama-la de “vagabunda” porque ele paga por isso. Já Dito, que está na mesma posição social que ela, não tem essa permissão. Embora ela diga que “Sebastian me adora, o velho” (FREIRE, 2015, p. 43), suas ações expõem uma situação contrária: ela é servil aos desejos de Sebastian, e essa é a condição imposta por ele para que a ajude a melhorar sua qualidade de vida. Dessa forma, o leitor pode perceber que, independentemente de suas tentativas de mascarar tal estado, a narradora se trai, expondo a relação de subalternidade com o seu amante. Os paradoxos presentes no conto se assemelham aos ilustrados em “Meu escravo de estimação”, uma vez que a personagem afrodescendente, mesmo que cresça socialmente, mantém-se presa às exigências de Sebastian.

Ao referir-se a sua casa na Alemanha, percebe-se a necessidade de demonstrar que, embora esteja em outro espaço, ela não nega ajuda a sua comunidade, confirmando assim aquilo que o senso comum espera daqueles que um dia habitaram a favela: “Neva a essa época em Potsdam. O frio que faz, menina. Quem me viu e quem me revê. Sabe, toda vez que venho ao Brasil, ajudo a família, ajudo a escola de samba, a igreja. Veja as fotos, veja, veja, veja. A nossa mansão em Potsdam”

(FREIRE, 2015, p. 45). Ao mostrar as fotos de sua casa em Potsdam ao invés das de sua comunidade, como poderia esperar o leitor, é possível constatar que, apesar de tentar manter contato com seu grupo, ela prefere ser lembrada pela sua vida atual. Os espaços que antes frequentava, como por exemplo, a escola de samba e a igreja dão lugar àqueles que simbolizam poder e riqueza. Novamente, o seu passado, nas fotos que mostra, fica à parte.

Bem como Benjamin em “Meu escravo de estimação”, pode-se aplicar no exemplo da personagem de “Modelo de vida” as ponderações feitas anteriormente com o auxílio de Florestan a respeito do afrodescendente que ascende socialmente e afasta-se dos antigos ambientes que frequentava. Tanto ela quanto Benjamin podem gerar naqueles que pertencem aos seus grupos étnicos a ideia de “que aquilo que um negro pode fazer outro também pode” (FLORESTAN, 2007, p. 125). Porém, como uma das exigências para manterem-se em altos patamares, eles se separam do seu grupo antecedente:

Para manter a posição social adquirida e para poder melhorá-la, a ruptura é inevitável por motivos econômicos e sociais. Ele se impõe como mecanismo de autodefesa, para proteger o indivíduo contra padrões de solidariedade, que o arruinaria se fossem conservados e liquidariam qualquer perspectiva de continuar no jogo da mobilidade social crescente (FLORESTAN, 2007, p. 74).

Ademais, graças à Sebastian, ela se considera uma nova mulher, menos para ele: “Agora eu sou uma nova mulher. Parece música, não é? Mas a verdade é que, doa onde doer, eu sou uma nova mulher. Para o Sebastian não. Eu continuo a mesma. Para que mudar? Ele me diz. Pede que eu continue fogosa. Pede que eu nunca perca o rebolado” (FREIRE, 2015, p. 47). Mesmo que ela negue, esse fragmento reforça a posição da personagem como objeto sexual, passiva às vontades de Sebastian. Esses dados revelam que as atitudes da personagem narradora, lida por muitos como oportunismo, escondem uma relação desumana de subalternidade.

O duplo sentido do final do conto realça ainda mais o que se tenta deixar à sombra:

É claro, meu amor, vamos embora.
Antes, entro noutra loja, depois noutra loja noutra
loja noutra loja.
E em todo canto é a mesma história.

Esta cor emagrece.

E esta engorda (FREIRE, 2015, p. 47).

O termo “cor” pode tanto significar a cor das roupas que ela prova quanto a cor de sua pele. A pele negra e a vida pobre na favela emagrecem. Ao se recusar de ser chamada de negra por Sebastian, ela tenta anular sua cor para assumir uma nova, de uma mulher “mulata grã-fina” (FREIRE, 2015, p. 45). Esta última permite que ela sobreviva. A delicadeza desse final nos faz reinterpretar o texto e dar um novo significado a ele. A personagem, em situação de miséria, vê somente na sua relação com Sebastian uma forma de conseguir uma posição social melhor. O shopping, as lojas, a sua casa na Alemanha podem camuflar sua dependência, mas a estrutura ambígua e irônica do conto remove todas as máscaras. A frase “E em todo canto é a mesma história” (FREIRE, 2015, p. 47) e o anonimato da protagonista expressam a facilidade que é encontrar exemplos como o do conto ao virar a esquina de cada rua: muitas mulheres negras sujeitas às exigências dos homens como uma das poucas alternativas para sair da pobreza.

Semelhante à Benjamin, as incoerências encontradas em “Modelo de vida” ilustram o quanto o espaço não contribui para representar genuinamente alguns afrodescendentes como um indivíduo que cresce socialmente. Trazendo à baila as teorias de Hall (2005) e Santos e Oliveira (2001), determinado local nos ajuda a definir quem nele está inserido, mas no caso do afro-brasileiro é preciso tomar cuidado para reconhecer se o ambiente não camufla o racismo e o servilismo, fomentando as ideias infundadas do mito da democracia racial no Brasil. Estar em um espaço que tem valor cultural de poder não significa, automaticamente, que ele não seja vítima desses impasses. O leitor precisa ter atenção para reconhecer as especificidades de cada grupo étnico para distinguir a maneira como são retratados nos locais de prestígio.

Em resumo, as obras de Freire abordam os problemas profundos envolvendo a mobilidade social do afrodescendente e a presença deles em espaços que denotam poder no Brasil. Como destacamos com Munanga na segunda parte deste trabalho, todos devem ter o direito de crescer socioeconomicamente, mas isso não garante que sejam tratados como humanos. No caso de “Curso superior”, o futuro provoca anseios que desestabilizam o jovem estudante. Embora ele ingresse na faculdade, nada assegura que ele será tratado com respeito.

Não ajuda a melhorar seu desempenho, já prejudicado pela Educação Básica. Também não garante que os ambientes de trabalho o aceitem devido à cor de sua pele e a sua formação precária. Em “Modelo de vida” e “Meu escravo de estimação” encontrou-se exemplos do que Florestan chama de “exceção que confirma a regra”, pois os afro-brasileiros são praticamente obrigados a aceitar a condição de “protegidos” e de objetos sexuais para conseguir mudar de vida. Eles submetem-se a uma mutilação de sua identidade, do seu passado, e de todos os espaços que frequentavam, reproduzindo aquilo que lhes é solicitado.

Considerando a proposta de Santos e Oliveira (2001) e Hall (2005), os espaços ajudam a compreender as singularidades das representações dos afro-brasileiros. Para passear pelo mundo, morar nos Jardins e frequentar shoppings, Benjamin e a protagonista de “Modelo de vida” precisam ser submissos e obedecer a seus “benfeitores”. O personagem de “Curso superior”, apesar da ajuda do governo, se vê sozinho nessa empreitada e sabe dos desafios que o aguardam na universidade e no mercado de trabalho. Sendo assim, os espaços que frequentam pode ser mais um dos disfarces que silenciam tais situações de injustiça e preconceito.

Conclusão

Com os estudos acerca da realidade brasileira de Freyre, Prado Jr., Fernandes e Munanga, em especial os dois últimos, foi possível vislumbrar o quanto ainda são necessárias muitas mudanças para alterar o quadro do afro-brasileiro no que tange ao seu movimento de crescimento social. Pudemos reconhecer que os poucos a atingir tal posição não têm como garantia a resolução de problemas relacionados ao racismo e as relações de servilismo que existiam antes. Muitos deles ainda são comumente expostos a situações de discriminação, assim como são obrigados a seguir normas previamente definidas pelos detentores de poder. A abordagem acerca do espaço de Santos e Oliveira e Hall contribuiu para ponderar sobre os contrastes que denunciam o modo como ambiente pode disfarçar essas circunstâncias de injustiça. Embora tenham acesso a tais locais, os afrodescendentes não são representados como indivíduos de poder nos textos estudados.

As ambientações nos contos de Marcelino Freire mostraram-se significativas para compreender tanto a questão da mobilidade social dos afro-brasileiros, quanto os paradoxos, as contradições e as limitações que estão imbricados nessa problemática. As incoerências ironicamente colocadas em “Modelo de vida” e “Meu escravo de estimação” funcionam de modo a provocar no leitor reflexões a respeito do fato de que ter acesso a locais elevados não é o fim dos problemas dos negros e mulatos tupiniquins. Todos possuem o direito de sobreviver, de frequentar tais ambientes e de sair da miséria, mas assumir uma posição socioeconômica superior não assegura que eles sejam tratados como iguais e que suas identidades com raízes africanas sejam aceitas por quem os rodeia. Não significa também dizer que eles deixaram de ser “subalternos” e “protegidos” para aqueles que afirmam serem seus “ajudantes”.

Por outro lado, observamos em “Curso superior” que muitos negros sozinhos nessa busca pelo sucesso e pela subsistência são perseguidos por represálias e olhares preconceituosos que descredita o desempenho e potencial deles. Nota-se também o quanto as chances promovidas pelo governo ainda são insuficientes para pôr fim a uma história de injustiça, racismo e disparidade econômica. O protagonista do conto, semelhante à narradora de “Modelo de vida”, é anônimo, o que nos faz enxergar em grande parte dos afrodescendentes a dúvida e a incerteza daquilo que os espera em espaços como a faculdade e o mercado de trabalho.

Por conseguinte, é possível afirmar que a categoria do espaço, aliado aos estudos antropológicos, históricos e sociológicos brasileiros, pode ser útil na tentativa de estudar e traçar um panorama das obras do escritor pernambucano, bem como de outros autores nacionais que se preocupam com temáticas raciais. Possibilita igualmente reconhecer um caminho ainda longo para solucionar os desafios desumanos enfrentados diariamente pelo afro-brasileiro, uma vez que descortina e coloca à prova o mito da democracia racial.

Referências

BARCELLOS, José Carlos. Homoerotismo e crueldade. In: _____. **Literatura e homoerotismo em questão**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006, p. 399-421.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007. 839p.

FLORESTAN, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 2. ed. rev. São Paulo: Global, 2007. 313p.

FREIRE, Marcelino. **Contos negreiros**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014. 288p.

_____. Modelo de vida. *In*: _____. **Amar é crime**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015, p. 43-47.

FREYRE, Gilberto. O escravo na vida sexual e de família do brasileiro (continuação). *In*: _____. **Casa-grande & senzala**. 48. ed São Paulo: Global, 2003, p. 498-574.

HALL, Stuart. Globalização. *In*: **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 67-76.

MUNANGA, Kabengele. As facetas de um racismo silenciado. *In*: SCHARCZ, L. M.; QUEIROZ, R. S. (org.). **Raça e diversidade**. São Paulo: Edusp, 1996, p. 213-229.

PRADO Jr., Caio. Raças. *In*: **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 83-116.

SANTOS, Luis Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. Espaço e literatura. *In*: _____. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à Teoria da Literatura**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 67-93.

Recebido: 30/06/2017

Aprovado: 10/08/2017